O CREDO DO POVO DE DEUS

A profissão de fé de PAULO VI

Apresentação de Luciano Monari, Bispo de Bréscia

Paulinas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paulo VI, Papa, 1897-1978.
O credo do povo de Deus : a profissão de fé de Paulo VI / apresentação de Luciano Monari ; [tradução Jaime A. Clasen]. – São Paulo : Paulinas, 2014. – (Coleção memória)

ISBN 978-85-356-3818-9

1. Papas - Biografia 2. Paulo VI, Papa, 1897-1978 I. Monari, Luciano. II. Título. III. Série.

14-09033 CDD-262.13092

Índice para catálogo sistemático:
1. Papas : Biografia 262.13092

1ª edição 2014

Título original da obra: *Il credo del popolo di Dio*
© Libreria Editrice Vaticana
© Paoline Editoriale Libri. Figlie di San Paolo. Via Francesco Albani, 21 - 20149 Milano

Direção-geral: *Bernadete Boff*
Editora responsável: *Andréia Schweitzer*
Tradução: *Jaime A. Clasen*
Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*
Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*
Revisão: *Ivan Antunes*
Gerente de produção *Felício Calegaro Neto*
Capa e diagramação *Manuel Rebelato Miramontes*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500
http://www.paulinas.org.br – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2014

Súmario

Apresentação 11

Nota do Editor 15

O Credo do povo de Deus 17

I – Cremos em um só Deus,
Pai, Filho e Espírito Santo

1. Revelação natural de Deus 29
2. Deus revela a si mesmo em Cristo 31
3. Aproximar-se de Cristo para conhecê-lo 32
4. Cristo, o verdadeiro homem 33
5. O encontro com Cristo, o Messias 34
6. Cristo vive pelo anúncio e testemunho 35
7. O Evangelho, força de Deus 36

II – Cremos em Jesus Cristo, Filho de Deus,
centro da história

8. Jesus, centro da história 39
9. A obra redentora de Cristo 40
10. Decidir-se por Jesus 41
11. Jesus é proclamado Messias 42
12. Memorial, paixão, caridade de Cristo 43
13. A cruz de Cristo 45
14. Vigília pascal 46
15. Cristo ressuscitou 48
16. Testemunhas da ressurreição 49
17. Vida ressuscitada em Cristo 50
18. A experiência de Emaús 53
19. Cristo Senhor e centro do cosmos 54

III – Cremos no Espírito Santo,
que é Senhor e dá a vida

20. Realidade misteriosa 57
21. Um Consolador para todos 58
22. A ação do Espírito Santo 59
23. O Espírito age na evangelização 60
24. A vida interior 61
25. Amor vivificante 62
26. Como receber o dom de Deus 63
27. Espiritualidade do amor 64

IV – Cremos em Maria,
Mãe do Verbo Encarnado e Mãe da Igreja

28. Filha predileta do Pai 67
29. A mais próxima de Cristo 68
30. A lâmpada e a luz 69
31. Maria no plano da salvação 70
32. Mãe da Igreja 71
33. Fé e fidelidade de Maria 72
34. Maria teve fé 73
35. Um culto renovado 74
36. Uma dignidade singular 75
37. Celebrar em Maria os mistérios de Cristo 76
38. Maria é nossa guia 77
39. Maria é nosso modelo 78
40. Exemplo para a Igreja 79

V – Cremos na Igreja,
povo de Deus peregrinando na terra

41. O nascimento da Igreja 83
42. Igreja como morada de Deus 84
43. O tesouro da Igreja 85
44. Corpo místico de Cristo 86
45. O Espírito gera a Igreja 87
46. Graça e ministério pastoral 88

47. Em contínua construção 89
48. Igreja que escuta e comunica a Palavra..... 90
49. Cristo presente na Igreja..... 91
50. Jesus presente com a sua Palavra 92
51. A Palavra se encarna em nós..... 93
52. Ouvir a Palavra..... 94
53. Guardar e meditar a Palavra 95
54. A Palavra guia a vida 96
55. Anúncio do Reino de Cristo 97
56. Oferecer a todos a luz do Evangelho..... 98
57. Anúncio e testemunho..... 100
58. A Igreja leva a mensagem de Cristo 101
59. Defender a dignidade do homem 102
60. A Eucaristia é mistério de fé 103
61. O "sinal" que esconde e revela..... 104
62. Jesus nos revela o seu amor 105
63. Comunhão com Cristo e entre nós 106
64. O mandamento novo 107
65. Sacramento de unidade da Igreja 108
66. Amor que se comunica..... 109
67. O "Pão" para o peregrino terreno..... 110
68. Um só Batismo..... 111
69. Universalidade da salvação 112
70. Comunhão na diversidade 113
71. A unidade dos cristãos 114
72. A unidade é requerida por Cristo 115
73. Um povo que abrange todos..... 116
74. Unidade na diversidade 117
75. Não se resignar com as separações 118
76. Esforço de compreensão 119
77. Não duvidar da Igreja..... 120
78. Aqueles que buscam Deus 121
79. Celebramos o mistério da fé..... 122
80. Pela esperança fomos salvos 123
81. Necessidade de esperança 124

82. Amor e dom de si 126
83. Oferta de nós mesmos 127

VI – Cremos na vida eterna
Compromisso e diálogo com Deus e com o homem
84. Fixar o coração onde Cristo está 131
85. Temos necessidade de Cristo 132
86. Ir em direção da vida 134
87. O nosso verdadeiro destino 135
88. Voltar à casa de Deus 136
89. A palavra nos guia além do tempo 137
90. Deus é a alegria, a nossa alegria 138
91. Penhor de felicidade 140
92. Igreja que reza 141
93. Somos templo de Deus 142
94. Falar a Deus dos acontecimentos humanos 143
95. A busca de Deus 144
96. O sepulcro vazio 145
97. O Pai que dialoga conosco 146
98. Deus responde sempre 147
99. Rito e mistério 148
100. Para uma comunhão entre as nações 149
101. Dar ao mundo razões de viver 150
102. Os vestígios de Deus no trabalho do homem 152
103. Cristo se revela em quem sofre 153
104. Iguais na dignidade e nos direitos 154
105. Anunciai Cristo nos vossos países 155
106. O dom da paz 156
107. Não há paz sem Deus 157
108. A paz do coração como dom do Natal 159
109. A paz é obra de Deus e dos homens 160
110. Educar para a paz 161
111. A paz é dever 162
112. Banir a guerra 163
113. Tornar possível a paz 164

114. A paz repousa no amor 166
115. Sem perdão não há paz verdadeira 167
116. Perdoar para ser perdoados 169
117. A paz, verdadeiro bem da humanidade 170
118. A paz é bem comum 172
119. Paz, desenvolvimento e necessidades dos outros 173
120. O respeito pelo homem conduz à paz 174
Oração de Paulo VI para conseguir a fé 175

Apêndice

Cronologia 179
Fontes 186
Documentos citados 192

Apresentação

O ano da fé, que Bento XVI proclamou em 11 de outubro de 2011 para iniciar-se em 11 de outubro de 2012 (nos cinquenta anos do início do Concílio), lembra inevitavelmente o ano da fé análogo que Paulo VI proclamara por ocasião do décimo nono centenário do martírio dos Santos Pedro e Paulo; portanto, pouco tempo após a conclusão do Concílio, de modo a colher plenamente o fruto da experiência conciliar. Paulo VI tinha claríssima a percepção de quanto a vida contemporânea se move para fora dos parâmetros da fé e reconhecia bem que "o divórcio entre a fé... e o comportamento cotidiano de muitos deve ser contado entre os mais graves erros do nosso tempo" (GS 43). Quando ainda era Bispo de Milão, empregara todas as forças daquela grande diocese para promover a Missão Popular que deveria anunciar de novo o Evangelho aos homens de hoje, em todas as diversas condições de vida em que eles se encontram e se movem. É de uma percepção semelhante que nasceu a vontade de Bento XVI de proclamar um novo "Ano da fé". Ou a fé consegue dar um horizonte vital a todos os comportamentos do ser humano, ou corre o risco de se tornar supérflua e ser abandonada. Não tanto refutada (embora o mundo contemporâneo conheça uma oposição direta à fé e à experiência de fé), mas abandonada, como se abandona algo supérfluo, uma lembrança do passado que teve a sua importância, mas que hoje parece não ter utilidade.

Pode ser útil, então, refazer a caminhada que Paulo VI propôs à Igreja através do seu rico ensinamento sobre a fé; a partir daquele "Credo do povo de Deus" que Paulo VI pronunciou em 30 de junho de 1968, no término do ano da fé, como sua marca característica. A preocupação do Papa era que a atenção ao "sujeito" não fizesse esquecer o aspecto objetivo da fé, que a atualização não se transformasse em mudança dos conteúdos da fé segundo os desejos ou as necessidades do tempo. Por isso o Papa fez a sua profissão de fé. É a profissão de fé dele, pessoal, comprometida, convicta; mas, ao mesmo tempo, é a fé de Pedro que assume em si a fé de todo o grupo dos discípulos, de todos os crentes: "Como outrora, em Cesareia de Felipe, Simão Pedro, em nome dos Doze Apóstolos, à margem das opiniões humanas, confessou ser Cristo verdadeiramente o Filho de Deus vivo, assim também hoje o seu humilde sucessor, Pastor da Igreja Universal, em nome de todo o Povo de Deus, eleva a sua voz para dar firmíssimo testemunho da Verdade Divina, que só foi confiada à Igreja para que ela anuncie a todas as nações".

Exatamente assim: a forma pela qual se transmite a fé não é a do ensino, mas a do testemunho. É testemunho de alguém que nos supera imensamente e que certamente não depende de nós; mas é, ao mesmo tempo, testemunho de alguém que nos envolve pessoalmente no mistério da sua existência e que podemos apenas encontrar com um ato de adesão pessoal e livre. O Papa faz a sua adesão de fé pessoal; e nós, os crentes, nos reconhecemos nela ao aderir a ela com convicção, de modo que aquela profissão seja também nossa, de todos juntos.

Os textos reunidos neste volume desenvolvem as diversas dimensões da profissão de fé cristã, fazendo emergir, pouco a pouco, um horizonte que dá sentido à vida e à morte, à fadiga e ao trabalho, ao sofrimento e à alegria. O primeiro texto exprime a admiração diante da revelação natural de Deus através do mundo

criado, que aproveita a ocasião oferecida pela passagem de um cometa através do nosso céu. Daqui, porém, o discurso se desloca imediatamente para a revelação em Cristo; ele é o centro da história, é ele quem dá pleno sentido à existência do homem, é a ele que somos chamados a aderir com fidelidade e amor, movidos pelo testemunho interior do Espírito Santo. Temos assim os três primeiros capítulos do volume: "Cremos num só Deus... em Jesus Cristo, Filho de Deus... no Espírito Santo".

A esta altura o Credo acrescenta: "Creio na Igreja, una, santa, católica, apostólica". A nossa coletânea, porém, faz um capítulo sobre "Maria, mãe do Verbo Encarnado" preceder a referência à própria Igreja. Então a fé de Maria se torna modelo da nossa fé; com ela aprendemos a acolher a Palavra de Deus, a lhe dar carne na nossa vida, a torná-la palavra encarnada através da nossa obediência. O capítulo seguinte expõe a contemplação da Igreja, morada de Deus no mundo, através da Palavra de Deus, da Eucaristia. Deus quer que a humanidade inteira constitua uma única família mantida junto pelo amor, e a Igreja deve se tornar a antecipação e o instrumento dessa família; torna-se isto à medida que se deixa plasmar pela Palavra de Deus que anuncia e pela Eucaristia que celebra. Chegamos assim à conclusão com a contemplação da meta, a vida eterna, e o compromisso de que essa meta reflua sobre o caminho do tempo: a oração, o amor eficaz pelo homem, a paz.

O ano da fé é também uma ocasião que nos é oferecida: "Já estou chegando e batendo à porta. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa, e juntos faremos a refeição" (Ap 3,20).

† Luciano Monari
Bispo de Bréscia

Nota do Editor

O núcleo temático deste volume é a *profissão de fé* de Paulo VI, que levou o nome de "Credo do povo de Deus", proferida solenemente na Praça de São Pedro em 30 de junho de 1968, na conclusão do *Ano da fé* por ele promulgado para o 19º centenário do martírio dos Santos Pedro e Paulo.

A atenção da Igreja em relação à fé sempre foi muito alta. Antes de tudo porque – diz Paulo VI – "a fé é o início da salvação humana... é a fonte da caridade; é o centro da unidade; é a razão de ser fundamental da nossa religião".

Além disso, "porque hoje... – acrescenta o Papa – a adesão à fé ficou mais difícil..." por toda uma série de razões correlatas ao progresso humano, a filosofias e desvios que – diz o Papa – "transtornam as mentes dos modernos". Paulo VI fala de "situação dramática da fé nos nossos dias", que – na verdade – não parece estar muito mudada hoje.

Este livro, intitulado com razão *O Credo do povo de Deus*, reúne trechos escolhidos de Paulo VI, selecionados de discursos, mensagens, homilias, alocuções e outros documentos, articulados em seis grandes capítulos segundo a ordem dos pontos doutrinais professados no Credo. Quase um comentário ao *ato de fé oficial* de Paulo VI, desenvolvido com as suas próprias palavras, pelas quais transparece a fé e o amor incondicionado a Deus, à Igreja, ao ser humano; ao mesmo tempo emerge toda a "trágica" ânsia

e sofrimento pela situação humana do seu tempo. "Falamos com dor... – diz ele – porque os remédios, que de tantos lados se procura aplicar às modernas crises de fé, são muitas vezes falazes". Junto com o sofrimento, porém, é constante a sua esperança. Nunca deixa de convidar cada um a construir a paz e a "dar ao mundo as razões de viver": este, de fato, é o convite feito aos representantes da imprensa australiana em dezembro de 1970.

Uma obra atual; uma contribuição para a caminhada pastoral da Igreja; uma oportunidade de nos aproximarmos do Papa do Concílio Vaticano II, Paulo VI, para todos nós mestre e testemunha daquilo que professou oficialmente: *Cremos em um só Deus Pai, Filho, Espírito Santo..., cremos em Jesus Cristo, no Espírito Santo, em Maria... na Igreja... na vida eterna*.

São particularmente densos os dois últimos capítulos: sobre a Igreja, povo de Deus peregrino, e sobre a vida eterna, compromisso e diálogo com Deus e com o ser humano.

Ao compilar este volume privilegiamos uma ordem temática e a ordem cronológica que consta no *Apêndice*, sob o título *Fontes*. Estão relacionadas ano a ano, desde 1964 até 1975, as datas dos documentos dos quais foram selecionados os trechos indicados pelo número que consta entre colchetes.

O Credo do povo de Deus

Cremos em um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, criador das coisas visíveis, como este mundo, onde se desenrola nossa vida passageira; criador das coisas invisíveis, como são os puros espíritos, que também chamamos anjos; Criador igualmente, em cada homem, da alma espiritual e imortal.

Cremos que este Deus único é tão absolutamente uno em sua essência santíssima como em todas as suas demais perfeições: na sua onipotência, na sua ciência infinita, na sua providência, na sua vontade e no seu amor. Ele é Aquele que É, conforme ele próprio revelou a Moisés; ele é Amor como nos ensinou o Apóstolo São João; de tal maneira que estes dois nomes – Ser e Amor – exprimem inefavelmente a mesma divina essência daquele que se quis manifestar a nós e que, habitando uma luz inacessível, está, por si mesmo, acima de todo nome, de todas as coisas e de todas as inteligências criadas. Só Deus pode dar-nos um conhecimento exato e pleno de si mesmo, revelando-se como Pai, Filho e Espírito Santo, de cuja vida eterna somos pela graça chamados a participar, aqui na terra, na obscuridade da fé, e, depois da morte, na luz sempiterna. As relações mútuas, que constituem eternamente as Três Pessoas, sendo, cada uma delas, o único e mesmo ser divino, perfazem a bem-aventurada vida íntima do Deus santíssimo, infinitamente acima de tudo o que podemos conceber à maneira humana. Entretanto, rendemos graças à bondade divina pelo fato de poderem numerosíssimos crentes dar testemunho conosco, diante

dos homens, sobre a unidade de Deus, embora não conheçam o mistério da Santíssima Trindade.

Cremos, portanto, em Deus Pai, que desde toda a eternidade gera o Filho; cremos no Filho, Verbo de Deus, que é eternamente gerado; cremos no Espírito Santo, Pessoa incriada, que procede do Pai e do Filho como Amor sempiterno de ambos. Assim, nas Três Pessoas Divinas, que são igualmente eternas e iguais entre si, a vida e a felicidade de Deus perfeitamente uno superabundam e se consumam na superexcelência e glória próprias da Essência incriada; e sempre se deve venerar a unidade na Trindade e a Trindade na unidade.

Cremos em Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus. Ele é o Verbo Eterno, nascido do Pai antes de todos os séculos e consubstancial ao Pai, *homoousious to Patri*. Por ele tudo foi feito. Encarnou por obra do Espírito Santo, da Virgem Maria, e se fez homem. Portanto, é igual ao Pai, segundo a divindade, mas inferior ao Pai, segundo a humanidade; absolutamente uno, não por uma confusão de naturezas (que é impossível), mas pela unidade da pessoa.

Ele habitou entre nós, cheio de graça e de verdade. Anunciou e fundou o Reino de Deus, manifestando-nos em si mesmo o Pai. Deu-nos o seu mandamento novo de nos amarmos uns aos outros como ele nos amou. Ensinou-nos o caminho das bem-aventuranças evangélicas, isto é: a ser mansos e pobres de espírito, a tolerar os sofrimentos com paciência, a ter sede de justiça, a ser misericordiosos, puros de coração e pacíficos, a suportar a perseguição por causa da virtude. Padeceu sob Pôncio Pilatos, Cordeiro de Deus que carregou os pecados do mundo, e morreu por nós pregado na cruz, trazendo-nos a salvação pelo seu sangue redentor. Foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia pelo seu próprio poder, elevando-nos por esta sua ressurreição a participarmos da vida divina que é a

graça. Subiu ao céu, de onde há de vir novamente, mas então com glória, para julgar os vivos e os mortos, a cada um segundo os seus méritos: os que corresponderam ao Amor e à Misericórdia de Deus irão para a vida eterna; porém, os que os tiverem recusado até a morte serão destinados ao fogo que nunca cessará. E o seu reino não terá fim.

Cremos no Espírito Santo, Senhor que dá a vida e que com o Pai e o Filho é juntamente adorado e glorificado. Foi ele que falou pelos profetas e nos foi enviado por Jesus Cristo, depois de sua ressurreição e ascensão ao Pai. Ele ilumina, vivifica, protege e governa a Igreja, purificando seus membros, se estes não rejeitam a graça. Sua ação, que penetra no íntimo da alma, torna o ser humano capaz de responder àquele preceito de Cristo: "Sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste".

Cremos que Maria Santíssima, que permaneceu sempre Virgem, tornou-se Mãe do Verbo Encarnado, nosso Deus e Salvador, Jesus Cristo; e que por motivo desta eleição singular, em consideração dos méritos de seu Filho, foi remida de modo mais sublime, e preservada imune de toda a mancha do pecado original; e que supera de longe todas as demais criaturas, pelo dom de uma graça insigne.

Associada por um vínculo estreito e indissolúvel aos mistérios da Encarnação e da Redenção, a Santíssima Virgem Maria, Imaculada, depois de terminar o curso de sua vida terrena, foi elevada em corpo e alma à glória celestial; e, tornada semelhante a seu Filho, que ressuscitou dentre os mortos, participou antecipadamente da sorte de todos os justos. Cremos que a Santíssima Mãe de Deus, nova Eva, Mãe da Igreja, continua no céu a desempenhar seu ofício materno, em relação aos membros de Cristo, cooperando para gerar e desenvolver a vida divina em cada uma das almas dos seres humanos que foram remidos.

Cremos que todos pecaram em Adão; isto significa que a culpa original, cometida por ele, fez com que a natureza, comum a todos os seres humanos, caísse num estado no qual padece as consequências dessa culpa. Tal estado já não é aquele em que no princípio se encontrava a natureza humana em nossos primeiros pais, uma vez que se achavam constituídos em santidade e justiça, e o homem estava isento do mal e da morte. Portanto, é esta natureza assim decaída, despojada do dom da graça que antes a adornava, ferida em suas próprias forças naturais e submetida ao domínio da morte, é esta que é transmitida a todos os seres humanos. Exatamente neste sentido, todo ser humano nasce em pecado. Professamos, pois, segundo o Concílio de Trento, que o pecado original é transmitido juntamente com a natureza humana, pela propagação e não por imitação, e se acha em cada um como próprio.

Cremos que Nosso Senhor Jesus Cristo, pelo Sacrifício da Cruz, nos remiu do pecado original e de todos os pecados pessoais cometidos por cada um de nós; de sorte que se impõe como verdadeira a sentença do Apóstolo: "onde abundou o delito, superabundou a graça".

Cremos professando num só Batismo, instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo para a remissão dos pecados. O Batismo deve ser administrado também às crianças que não tenham podido cometer por si mesmas pecado nenhum; de modo que, tendo nascido com a privação da graça sobrenatural, renasçam da água e do Espírito Santo para a vida divina em Jesus Cristo.

Cremos na Igreja una, santa, católica e apostólica, edificada por Jesus Cristo sobre a pedra que é Pedro. Ela é o Corpo Místico de Cristo, sociedade visível, estruturada em órgãos hierárquicos e, ao mesmo tempo, comunidade espiritual. Igreja terrena, Povo de Deus peregrinando aqui na terra, e Igreja enriquecida de bens celestes, germe e começo do Reino de Deus, por meio do qual a

obra e os sofrimentos da redenção continuam ao longo da história humana, aspirando com todas as forças à consumação perfeita, que se conseguirá na glória celestial após o fim dos tempos. No decurso do tempo, o Senhor Jesus forma a sua Igreja pelos Sacramentos que emanam de sua plenitude. Por eles a Igreja faz com que seus membros participem do mistério da Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, pela graça do Espírito Santo que a vivifica e move. Por conseguinte, ela é santa, apesar de incluir pecadores no seu seio; pois em si mesma não goza de outra vida senão a vida da graça. Se realmente seus membros se alimentam dessa vida, se santificam, se dela se afastam, contraem pecados e impurezas espirituais que impedem o brilho e a difusão de sua santidade. É por isso que ela sofre e faz penitência por esses pecados, tendo o poder de livrar deles seus filhos, pelo Sangue de Cristo e pelo dom do Espírito Santo.

Herdeira das promessas divinas e filha de Abraão segundo o Espírito, por meio daquele povo de Israel, cujos livros sagrados guarda com amor e cujos patriarcas e profetas venera com piedade; edificada sobre o fundamento dos Apóstolos, cuja palavra sempre viva e cujos poderes, próprios de pastores, vem transmitindo fielmente de geração em geração, no sucessor de Pedro e nos bispos em comunhão com ele; gozando, enfim, da perpétua assistência do Espírito Santo, a Igreja tem o encargo de conservar, ensinar, explicar e difundir a verdade que Deus revelou aos seres humanos, veladamente, de certo modo, pelos Profetas, e plenamente pelo Senhor Jesus. Nós cremos em todas essas coisas que estão contidas na Palavra de Deus por escrito ou por tradição, e que são propostas pela Igreja, quer em declaração solene, quer no magistério ordinário e universal, para serem cridas como divinamente reveladas. Nós cremos na infalibilidade de que desfruta o sucessor de Pedro, quando fala *ex cathedra*, como pastor e doutor de todos os cristãos

e que reside também no Colégio dos Bispos, quando com o Papa exerce o Magistério Supremo.

Cremos que a Igreja, fundada por Cristo e pela qual ele orou, é indefectivelmente una, na fé, no culto e no vínculo da comunhão hierárquica. No seio desta Igreja, a riquíssima variedade dos ritos litúrgicos e a diversidade legítima do patrimônio teológico e espiritual ou de disciplinas peculiares, longe de prejudicar a unicidade, antes a declaram.

Reconhecendo também que fora da estrutura da Igreja de Cristo existem muitos elementos de santificação e de verdade, que como dons próprios da mesma Igreja impelem à unidade católica, e crendo, por outra parte, na ação do Espírito Santo, que suscita em todos os discípulos de Cristo o desejo desta unidade, esperamos que os cristãos que ainda não desfrutam da plena comunhão com a única Igreja se unam afinal num só rebanho sob um único Pastor.

Cremos que a Igreja é necessária para a salvação, pois só Cristo é o mediador e caminho da salvação, e ele se torna presente a nós no seu corpo que é a Igreja. Mas o desígnio divino da salvação abrange a todos os seres humanos; e aqueles que, ignorando sem culpa o Evangelho de Cristo e sua Igreja, procuram, todavia, a Deus com sincero coração, e se esforçam, sob o influxo da graça, por cumprir com obras a sua vontade, conhecida pelo ditame da consciência, também esses, em número, aliás, que somente Deus conhece, podem conseguir a salvação eterna.

Cremos que a missa, celebrada pelo sacerdote, que representa a pessoa de Cristo, em virtude do poder recebido no sacramento da Ordem, e oferecida por ele em nome de Cristo e dos membros do seu Corpo Místico, é realmente o sacrifício do Calvário, que se torna sacramentalmente presente em nossos altares. Cremos que, como o pão e o vinho consagrados pelo Senhor, na última ceia, se converteram no seu corpo e sangue, que logo iam ser oferecidos

por nós na cruz, assim também o pão e o vinho consagrados pelo sacerdote se convertem no corpo e sangue de Cristo que assiste gloriosamente no céu. Cremos ainda que a misteriosa presença do Senhor, debaixo daquelas espécies que continuam aparecendo aos nossos sentidos do mesmo modo que antes, é uma presença verdadeira, real e substancial.

Neste sacramento, pois, Cristo não pode estar presente de outra maneira a não ser pela mudança de toda a substância do pão no seu corpo, e pela mudança de toda a substância do vinho no seu sangue, permanecendo apenas inalteradas as propriedades do pão e do vinho, que percebemos com os nossos sentidos. Esta mudança misteriosa é chamada pela Igreja com toda a exatidão e conveniência *transubstanciação*. Assim, qualquer interpretação de teólogos, buscando alguma inteligência deste mistério, para que concorde com a fé católica, deve colocar bem a salvo que na própria natureza das coisas, isto é, independentemente do nosso espírito, o pão e o vinho deixaram de existir depois da consagração, de sorte que o corpo adorável e o sangue do Senhor Jesus estão na verdade diante de nós, debaixo das espécies sacramentais do pão e do vinho, conforme o mesmo Senhor quis, para se dar a nós em alimento e para nos associar pela unidade do seu Corpo Místico.

A única e indivisível existência de Cristo nosso Senhor, glorioso no céu, não se multiplica, mas se torna presente pelo sacramento, nos vários lugares da terra, onde o sacrifício eucarístico é celebrado. E depois da celebração do sacrifício, a mesma existência permanece presente no Santíssimo Sacramento, o qual, no sacrário do altar, é como o coração vivo de nossas igrejas. Por isso estamos obrigados, por um dever certamente suavíssimo, a honrar e adorar, na sagrada hóstia que os nossos olhos veem, o próprio Verbo Encarnado que eles não podem ver e que, sem ter deixado o céu, se tornou presente diante de nós.

Confessamos igualmente que o Reino de Deus, começado aqui na terra na Igreja de Cristo, não é deste mundo, cuja figura passa, e também que o seu crescimento próprio não pode ser confundido com o progresso da cultura humana ou das ciências e artes técnicas; mas consiste em conhecer, cada vez mais profundamente, as riquezas insondáveis de Cristo, em esperar sempre com maior firmeza os bens eternos, em responder mais ardentemente ao amor de Deus, enfim, em difundir-se cada vez mais largamente a graça e a santidade entre os homens. Mas com o mesmo amor, a Igreja é impelida a interessar-se continuamente pelo verdadeiro bem temporal dos seres humanos. Pois, não cessando de advertir a todos os seus filhos que eles não possuem aqui na terra uma morada permanente, estimula-os também a que contribuam, segundo as condições e os recursos de cada um, para o desenvolvimento da própria sociedade humana; promovam a justiça, a paz e a união fraterna; e prestem ajuda a seus irmãos, sobretudo, aos mais pobres e mais infelizes. Destarte, a grande solicitude com que a Igreja, Esposa de Cristo, acompanha as necessidades dos seres humanos, isto é, suas alegrias e esperanças, dores e trabalhos, não é outra coisa senão o ardente desejo que a impele com força a estar presente junto deles, tencionando iluminá-los com a luz de Cristo, congregar e unir a todos naquele que é o seu único Salvador. Tal solicitude, entretanto, jamais se deve interpretar como se a Igreja se acomodasse às coisas deste mundo, ou se tivesse esfriado no seu fervor com que espera seu Senhor e o Reino Eterno.

Cremos na vida eterna. Cremos que as almas de todos aqueles que morrem na graça de Cristo – quer as que se devem ainda purificar no fogo do purgatório, quer as que são recebidas por Jesus no paraíso, logo que se separam do corpo, como sucedeu com o bom ladrão – formam o Povo de Deus para além da morte, a qual será definitivamente vencida no dia da ressurreição, em que estas almas se reunirão a seus corpos.

Cremos que a multidão das almas, que já estão reunidas com Jesus e Maria no Paraíso, constitui a Igreja do céu, onde desfrutando da felicidade eterna, veem Deus como ele é, e participam com os santos anjos, naturalmente em grau e modo diverso, do governo divino exercido por Cristo glorioso, uma vez que intercedem por nós e ajudam muito a nossa fraqueza, com a sua solicitude fraterna.

Cremos na comunhão de todos os fiéis de Cristo, a saber: dos que peregrinam sobre a terra, dos defuntos que ainda se purificam e dos que desfrutam da bem-aventurança do céu, formando todos juntos uma só Igreja. E cremos igualmente que nesta comunhão dispomos do amor misericordioso de Deus e dos seus santos, que estão sempre atentos para ouvir as nossas orações, como Jesus nos garantiu: "Pedi e recebereis". Professando esta fé e apoiados nesta esperança, aguardamos a ressurreição dos mortos e a vinda do século futuro.

Bendito seja Deus: Santo, Santo, Santo! Amém.

PAULO PP. VI

Pronunciado diante da Basílica de São Pedro,
dia 30 de junho do ano de 1968, sexto de nosso Pontificado,
por ocasião do encerramento do "Ano da Fé".

I
Cremos em um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo

1. Revelação natural de Deus

Numa noite dessas, subimos no terraço que serve de teto para a nossa casa vaticana, e com a ajuda de uma modesta luneta procuramos o cometa no céu, onde fora indicada a trajetória desse peregrino fugitivo do espaço; e o observamos intensamente. Dir-se-ia: nada de especial. Um ponto luminoso de dimensões, a olho nu, maiores do que aquelas dimensões mínimas do firmamento e do que aquela lá perto do planeta Vênus, sempre brilhante, mas menos esplêndida naquela noite em comparação com o seu passageiro rival.

Mais uma vez admiramos o infinito cenário do céu escuro, pontilhado de centelhas luzentes, e naquela hora valorizado pelo astro passageiro e preanunciado com precisão cronométrica infalível. E mais uma vez experimentamos o sentido do mistério cósmico, o espaço ilimitado, o tempo sem fim, o cenário sideral incalculável, o seu movimento perfeito e inexaurível, o seu silêncio pavorosamente profundo, os fenômenos da matéria hoje exploradíssimos, mas se pode dizer quase ainda desconhecidos: o universo!

E mais uma vez o confronto perturbador e humilhante entre as suas dimensões e as nossas, que são as de um átomo, sem nenhuma proporção com aquelas imensidades que se estendem para todos os lados da realidade existente, nos assustou e quase aniquilou. Depois a reação qualitativa e lógica do espírito: eu penso, conheço, sou, sei; ou melhor, ouso dizer: sei tudo porque esta página imensa comporta apenas uma soberana leitura, um nome impresso por toda parte, um nome onipotente, um nome criador, um nome inefável: "Os céus narram a glória de Deus, e o firmamento proclama a obra de suas mãos" (Sl 18[19],2). Ademais: oh! O céu se enche do canto

da glória do Natal; o Verbo do Deus criador do universo chegou pessoalmente a este nosso fragmento do cosmos, que é o mundo; veio à conversação, em linguagem humana, entre nós!

Não mais pavor! Não mais cegueira! Mistério sempre, mas mistério sempre aberto à nossa exploração, à nossa contemplação: "Pai nosso, que estais no céu" [...].

Miremos o céu, irmãos, miremos o universo; e procuremos reencontrar uma primeira riquíssima revelação natural de Deus, representação para nós da segunda sobrenatural revelação. Esta é a verdade não mais dominante e pavorosa, porém, verdade amiga e salvadora.

Assim nos ajude a conquistá-la, a Rainha do Céu.

[13 de janeiro de 1974 – *Angelus Domini*]

2. Deus revela a si mesmo em Cristo

Hoje a Igreja celebra o mistério da Epifania, o desígnio divino segundo o qual "aprouve a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar a si próprio e tornar conhecido o mistério de sua vontade,[1] pelo qual os homens por Cristo, Verbo feito carne, no Espírito Santo têm acesso ao Pai e se tornam partícipes da natureza divina. Mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível, levado por seu grande amor, fala aos seres humanos como a amigos e entretém-se com eles para convidá-los e recebê-los em sua comunhão".[2]

É a festa da revelação, da manifestação de Deus numa ordem nova, diferente e superior, que não se opõe àquela do seu conhecimento racional no quadro da natureza; uma manifestação que nos abre de certa maneira, mas já imensamente rica e inefável, a uma visão superior da verdade divina em si mesma; do plano divino a nosso respeito e, portanto, sobre a verdade de nossa existência e de nossa salvação; ela inaugura uma relação maravilhosa sobrenatural entre Deus e o homem, estabelece uma relação vital, uma religião verdadeira, uma comunhão entre a realidade viva e transcendente da divindade e cada um de nós, e também com a humanidade que acolhe o dom, a luz, a vida dessa revelação.

[6 de janeiro de 1969 – Homilia. Epifania]

---

1 Cf. Ef 1,9.

2 Constituição conciliar *Dei Verbum*, 2.